

**A literatura de cordel na Fundação Casa de Rui Barbosa: relato de  
experiência e contribuição**

*Cordel literature at the Fundação Casa de Rui Barbosa: report of experience  
and contribution*

Carolina Carvalho Sena<sup>1</sup>

**Resumo:**

A autora começou a se envolver com a literatura de cordel quando se tornou bibliotecária na Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), instituição responsável pela guarda de diversos folhetos de grande relevância. Durante seu Mestrado em Memória e Acervos (PPGMA/FCRB), concluído em 2018, concentrou-se em analisar a constituição e divulgação desse acervo, destacando sua importância como uma forma literária genuinamente brasileira. Com isso, o objetivo desta pesquisa foi contribuir para o resgate da trajetória da literatura de cordel na FCRB, para futuros estudos e a retomada da catalogação de folhetos de cordel. A breve apresentação desta dissertação no I Congresso Nacional de Literatura de Cordel teve como intenção oferecê-la como fonte de informação para outros pesquisadores da área.

**Palavras-chave:** literatura de cordel; Fundação Casa de Rui Barbosa; folhetos de cordel; memória; Congresso Nacional de Literatura de Cordel

**Abstract:**

The author began to get involved with cordel literature when she became a librarian at Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), an institution responsible for storing several highly relevant leaflets. During her Master's degree in Memory and Collections (PPGMA/FCRB), completed in 2018, she focused on analyzing the constitution and dissemination of this collection, highlighting its importance as a genuinely Brazilian literary form. Therefore, the objective of this research was to contribute to the recovery of the trajectory of cordel literature in the FCRB, for future studies and the resumption of the cataloging of cordel leaflets. The brief presentation of this dissertation at the I National Congress of Cordel Literature was intended to offer it as a source of information for other researchers in the area.

**Keywords:** cordel literature; Fundação Casa de Rui Barbosa; cordel leaflets; memory; National Congress of Cordel.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Comunicação, pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFRGS). Mestre em Memória e Acervos pelo Programa de Pós-Graduação em Memória e Acervos da Fundação Casa de Rui Barbosa (PPGMA/FCRB). Atua no setor Supervisão de Disseminação de Informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

## 1 Introdução

Em novembro de 2023, foi realizado, de forma híbrida (presencial e com transmissão pela internet), o *I Congresso Nacional de Literatura de Cordel*, na Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), o qual reuniu diversos nomes vinculados de alguma forma a esse tema.

Para expor minha investigação, fui convidada para compor a *Mesa 3: A literatura de cordel na FCRB: pesquisa e preservação*, a qual destacou os diversos trabalhos desenvolvidos no âmbito da FCRB, por meio de bolsas de pesquisa ou em nível de pós-graduação, como no meu caso. Minha apresentação recebeu o título “*A literatura de cordel na FCRB*”, pela qual pude relatar meu contato com o cordel.

Neste cenário, antes e depois da minha efetiva participação no evento, pude acompanhar a fala de diversas personalidades, seja em sua abertura, homenagens prestadas, mesas e conferências ministradas, abrangendo a discussão da história do cordel e seu papel na divulgação de temas atuais.

Para contextualizar, cabe ressaltar que, no âmbito profissional, fui bibliotecária da FCRB até 2021, e tive a oportunidade de trabalhar na área técnica, também com o tratamento do acervo de folhetos de cordel até 2017.

Ademais, minha ligação com esse tema se aprofundou com o decorrer do meu mestrado profissional em Memória e Acervos, no PPGMA/FCRB, sob orientação da Profa. Dra. Ana Ligia Medeiros, quando analisei a constituição e divulgação desse acervo, destacando sua importância como uma forma literária genuinamente brasileira.

Com o avanço na teoria e na prática, estreitei minha familiaridade com os folhetos e, assim, busquei contribuir para o resgate da trajetória da literatura de cordel na FCRB, para futuros estudos e a retomada da catalogação dos respectivos folhetos, utilizando a base de dados automatizada à época contratada, haja vista que, com a automatização dos registros, foi necessário ajustar mais uma vez os procedimentos técnicos de catalogação e classificação. As contribuições que procurei levar para o congresso foram, então, decorrentes do meu estudo até 2018, quando concluí meu curso.

## 2 Desenvolvimento

O cordel tem características informativas e de entretenimento que não alteraram a sua estrutura. Sua comunicação teve início no nordeste brasileiro, sendo baseada na oralidade e nas técnicas de memorização, como manifestação da cultura popular. Assim, o cordelista Memória e Informação, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 22-32, jul./dez., 2023

desempenharia diversas funções, como poeta, jornalista, conselheiro do povo e historiador popular.

As condições específicas do nordeste brasileiro, portanto, favoreceram seu desenvolvimento como uma literatura genuinamente brasileira, com características e nomenclatura próprias. Inclusive, o termo “literatura de cordel” já fora questionado por autores, como Franklin (2002, p. 6):

O Nordeste rural desconhece a palavra cordel como sinônimo de cordão ou barbante. Ela se impôs com base na lenda urbana de que os livretos populares eram vendidos no interior do Brasil do mesmo modo como eram comercializados em Portugal: pendurados em cordão. [... Na verdade,] folheteiros utilizavam pequena maleta onde transportavam a mercadoria [vendida em feiras livres].

Ademais, a oralidade e as técnicas de memorização envolvidas em sua transmissão permitem ampliar o acesso à informação a públicos diversos, inclusive os analfabetos (Peixoto, 2003). A estruturação dos versos também é algo bastante singular ao Brasil, especialmente por seus textos serem escritos em versos (e não em prosa), com períodos simplificados e diversidade em sua estruturação métrica, utilizando, por exemplo, as sextilhas, que reflete estrofes de seis versos, contendo também sete sílabas, e com os versos pares rimados (Ribeiro, 1977).

O Cordel é dividido  
Escrito, Cantado, Oral,  
Porém o cordel legítimo  
É aquele tipo jornal, Que traz a notícia nova  
Em sextilhas, nunca em trova  
Que agrada o pessoal (Cavalcante, 1984, p. 5).

Por fim, há que se destacar a dedicação dos autores de cordel ao estabelecerem rimas, recorrendo, inclusive, a neologismos para alcançá-las. Além disso, a variedade de temas abordados é infinita, podendo-se citar como exemplo o falecimento de Getúlio Vargas, que, em alguns lugares do nordeste, só foi acreditado, de fato, quando noticiado em versos (Sena, 2018, p. 42).

Peixoto (2003, p. 14) sintetiza bem o mencionado anteriormente:

As condições sociais da região eram favoráveis ao surgimento e desenvolvimento de tal forma de comunicação literária, tornando o Nordeste área favorável à sua difusão. A organização da sociedade patriarcal, o surgimento de manifestações messiânicas, o aparecimento dos cangaceiros, as secas periódicas causando desequilíbrios econômicos e sociais, bem como as lutas de famílias, eram fatores que contribuíam para tornar os grupos de

cantadores em instrumentos do pensamento coletivo de um povo carente de instrução, através das manifestações da memória popular.

E, em versos de cordel, Maxado (1982, p. 8) também contribui:

O cordel é resistência  
E uma força cultural  
Contra a alienação  
Da invasão nacional  
Pelas firmas estrangeiras  
Com a multinacional

Nesse contexto, a literatura de cordel, de acordo com os autores consultados, corresponderia a um gênero de literatura popular, com origem no século XVI, ainda oralizado, consolidando-se por meio de sua impressão a partir do século XIX. Em 2018, foi reconhecido como patrimônio cultural brasileiro, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), destacando sua importância para a memória, identidade e criatividade dos povos e riqueza das culturas (IPHAN, c2014), evocando seu passado (Choay, 2001).

Esse tratamento diferenciado que recebeu ao longo do tempo, sendo por vezes considerado como folclore ou cultura popular trivial (inclusive até os dias atuais), decorre da teoria difundida de que seria uma versão brasileira do cordel ibérico, e este (colonizador), portanto, seria o definidor do que seria considerado original, logo, cultural (Abreu, 1999; Ayala, 2010).

Como dito por Curran (2003), o acervo de cordel da FCRB começou a ser constituído na década de 1960, quando Manoel Cavalcanti Proença levou para a instituição cerca de oito mil folhetos. Posteriormente, outros estudiosos repetiram o feito, como Manuel Diegues Júnior, Orígenes Lessa e Sebastião Nunes Batista. A partir daí, a Fundação passou a ser reconhecida também como ponto de encontro dos cordelistas. Entretanto, o acervo passou por fases diversas, durante as quais também sofreu com o risco de ser transferido para outra instituição, o que não ocorreu.

Em sua missão institucional, a FCRB engloba diversas atividades, incluindo seu compromisso de preservar e divulgar a memória cultural brasileira. Assim, guarda em seu acervo diversas obras extremamente valiosas sob o ponto de vista documental ou orgânico. Nesse cenário, o Serviço de Biblioteca, subordinado ao Centro de Memória e Informação (CMI/FCRB), reúne diversos documentos, entre os quais os folhetos de cordel, como pode ser observado na Figura 1.

**Figura 1-** Parte do acervo de folhetos de cordel e de tacos de xilogravuras da FCRB.



Fonte: Sena (2018).

Cabe ainda destacar que “uma biblioteca, quando guarda esse tipo de acervo, acresce à sua função de guarda e tratamento de documentos, o seu papel como lugar de memória.” (Sena, 2018, p. 46).

Como mencionado anteriormente, atuei nesse setor até 2017, trabalhando diretamente com os folhetos. Junto a essa experiência profissional, no período entre 2016 e 2018, realizei meu mestrado profissional em Memória e Acervos, no PPGMA/FCRB.

A princípio, a intenção da pesquisa era abranger as especificidades e a variedade temática do cordel, por meio da elaboração de um vocabulário controlado que permitisse o controle de sinonímias, por exemplo, no contexto da FCRB, facilitando a recuperação desses documentos por parte dos pesquisadores, pois, de acordo com Kobashi (2013, p. 13-14),

[...] as classificações bibliográficas contemplam de forma extensa a literatura dita erudita, dedicando pouco ou quase nenhum espaço para a literatura popular. E esta [...] inclui a literatura de cordel na classe folclore, sem considerá-la como expressão ou gênero literários.

Para isso, seria tomada como base a coleção de Leandro Gomes de Barros, pioneiro na área, e cujos folhetos foram os primeiros a compor o site *Cordel: literatura popular em verso*<sup>2</sup>. Entretanto, com o andamento da pesquisa, percebeu-se a demanda pela organização da memória construída pelo cordel na FCRB ao longo dos anos.

Tendo isso posto, a dissertação, ao seu final, recebeu o título *A literatura de cordel na Fundação Casa de Rui Barbosa: organizando uma memória dispersa* (Sena, 2018). A proposta foi realizar o estudo da trajetória institucional, formação, organização e divulgação do cordel na FCRB, apresentando linha do tempo como produto, já que se tratava de um mestrado

<sup>2</sup>Disponível em: <http://antigo.casaruibarbosa.gov.br/cordel/>. Acesso em: 19 dez. 2023.

profissional. De forma a possibilitar a ampliação das discussões sobre o tema, optou-se por recorrer a autores que corroborassem com a lógica de uma literatura genuinamente brasileira.

Mediante a pesquisa realizada, foi possível, por exemplo, confeccionar o Quadro 1, o qual pontua algumas das diferenças existentes entre essas duas formas de literatura (inclusive no mesmo trabalho, foram identificadas outras nomenclaturas relativas a esta forma de expressão cultural).

O problema de pesquisa manifestou-se em torno da análise da constituição e divulgação do acervo de literatura de cordel na FCRB, que até 2018 correspondia a pelo menos 2.147 folhetos raros digitalizados e produção atual, de interesse de pesquisadores de diversas áreas, totalizando cerca de dez mil folhetos. Inicialmente, foram digitalizados 2.340 folhetos no site *Cordel: literatura popular em verso*, entretanto, em respeito aos direitos autorais, 193 folhetos da Editora Luzeiro foram retirados do ar (Sena, 2018).

A justificativa foi pautada na reconhecida relevância do acervo, haja vista o número de folhetos raros reunidos, a quantidade de eventos e publicações realizados ao longo dos anos e o número de acessos ao acervo digitalizado, correspondendo a um dos maiores, além da missão institucional da FCRB, que abrange também a preservação da memória nacional. A propósito, a FCRB fora mencionada no dossiê *Memória do cordel FCRB[...] (2008)* como “referência internacional nos estudos e pesquisas realizadas sobre este gênero literário” e como possuindo a “maior coleção pública de cordéis do mundo”.

A metodologia adotada ultrapassou a tradicional revisão e análise de literatura e, para preencher lacunas por ventura deixadas, valeu-se também de consulta a documentos históricos institucionais (publicações no acervo da FCRB – Serviço de Biblioteca; e processos administrativos – Setor de Arquivo Histórico e Institucional, SAHI) e da aplicação do método de história oral, por meio do qual foram realizadas entrevistas com estudiosos e profissionais que participaram de alguma forma da trajetória deste acervo na FCRB.

**Quadro 1-** Algumas diferenças entre o cordel brasileiro e o português, de acordo com Abreu (1999) e Franklin (2002).

<b>BRASIL</b>	<b>PORTUGAL</b>
Texto em versos, com simplificação dos períodos e substituição de vocabulário	Texto em prosa, com períodos longos e de difícil compreensão devido às construções sintáticas
Composição dos folhetos como forma de sustento do cordelista	Nem sempre composições inéditas criadas para o sustento do cordelista; muitas vezes apenas como adaptação de textos de sucesso
Autores e parcela significativa do público pertencentes às camadas populares <sup>13</sup>	Textos direcionados para todo o conjunto da sociedade, de elite para elite
Forte vínculo com a tradição oral	Cultura escrita fornecia os textos extraídos para o formato de cordel
Cotidiano nordestino como tema importante	Vida dos nobres e cavaleiros como tema
Autores como proprietários de suas obras, podendo vendê-las para editores, que também eram autores	Os editores trabalhavam especialmente com obras em domínio público
Diversas formas de estruturação métrica dos versos, utilizando especialmente as sextilhas	Não necessariamente expresso em versos e, quando utilizava, recorria às quadras de sete sílabas

Fonte: Sena (2018).

A trajetória da literatura de cordel, razão desta pesquisa, recebeu uma seção específica, apresentando, cronologicamente, o seu histórico na instituição. A constituição deste acervo, com folhetos, tacos de xilogravuras etc., teve início na década de 1960, quando Manoel Cavalcanti Proença, pesquisador de cultura popular, recolheu à FCRB cerca de oito mil folhetos. Desde então, diversas personalidades passaram a doar suas coleções, como foi o caso de Manuel Diegues Júnior, Orígenes Lessa e Sebastião Nunes Batista. Há que se destacar o significado destes dois últimos para esse acervo, haja vista suas diversas iniciativas em prol da realização de pesquisas e eventos. Na década de 1980, após o falecimento de Sebastião, o acervo foi transferido do Setor de Filologia (Centro de Pesquisa/FCRB) para o Serviço de Biblioteca

(FCRB), tendo, nesse ínterim, sofrido o risco de ser transferido para o Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP) (Sena, 2018, p. 68).

Sobre a composição do acervo, João Pessoa (2016), menciona que

[...] tal e qual Jorge Amado, Orígenes Lessa fez amizade sólida que durou “até que a morte os separasse” com Sebastião Nunes Batista e acabou levando-o para a Casa de Rui Barbosa, a fim de organizar o acervo sobre a poesia popular. Sebastião, por sua vez, levou consigo a coleção que pertencera ao pai Francisco das Chagas Batista (que paira ao lado de Leandro Gomes de Barros como pioneiro da literatura de cordel), além de milhares de outros folhetos coletados dos muitos amigos que tinha.

Por fim, no formato de apêndices, foram apresentados os produtos da dissertação, compostos pelos roteiros livres das entrevistas realizadas com Rachel Valença, Ivette Savelli, Eliane Vasconcellos, Ana Carolina Nascimento e Maria Rosário Pinto, cujos currículos constam em Sena (2018). Além disso, foram feitos contatos informais com Sylvia Nemer (pesquisadora ativamente presente na FCRB), Edmar Gonçalves (à época chefe do Serviço de Preservação – SEP/CMI/FCRB) e Rosângela Rangel (à época chefe do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira – AMLB/CMI/FCRB).

Também foi organizada uma linha do tempo até 2018, abrangendo a formação do acervo na FCRB, seu tratamento técnico e divulgação, por meio da realização de eventos, publicações e bolsas de pesquisa. Salienta-se a notabilidade do desenvolvimento do site *Cordel: literatura popular em verso*.

Para concluir, os folhetos recebidos foram inseridos no acervo, e, enquanto estive no setor, pude contribuir um pouco para essa trajetória, com a retomada do tratamento técnico na base de dados utilizada na época. Ressalta-se, também, que no congresso foi relatado que a FCRB permanece desenvolvendo projetos envolvendo esse tema e recebendo doações, como a recente coleção de Raimundo Santa Helena.

### 3 Conclusão

Na prática, a literatura de cordel sempre atuou como fonte de informação, desde o século XVI. Entretanto a sua importância de fato só foi formalmente reconhecida após a sua difusão no formato impresso, no século XIX, e do interesse que passou a provocar em nível acadêmico, culminando com seu reconhecimento como patrimônio pelo IPHAN apenas em 2018. Como disse Cavalcante (1984, p. 7):



Já foi o tempo que diziam  
Que os folhetos do sertão  
Eram só de analfabetos,  
De poetas sem instrução,  
Há trovadores formados  
E outros conceituados  
Pela boa correção

Em respeito ao cumprimento de sua missão institucional quanto à manutenção da memória cultural brasileira, a FCRB soube, afinal, reconhecer a demanda pela dedicação de esforços ao tratamento técnico do acervo de literatura de cordel, retomando seu processo de catalogação, apesar de sua trajetória ter tido diferentes momentos. Nesse sentido, pôde-se destacar três fases: a fase áurea, quando foi composto o acervo, resultando em diversas publicações e eventos; a década de 1990, com redução de investimentos e risco de transferência do acervo completo para outro órgão; e o último momento, com a retomada diferenciada dos projetos até os dias atuais.

Quanto à parte prática desta pesquisa, foi oportunizado conhecer as personalidades já mencionadas e cabe mencionar que a receptividade de todos comigo comprovava a importância do estudo que estava sendo desenvolvido e como estava seguindo o caminho correto (lembrando que este não era o objetivo inicial). Somado a isso, a iniciativa de abrir mão de abordar uma temática específica à classificação bibliográfica, proporcionou que fosse criada uma fonte de referência base para outros estudos que foram elaborados após 2018.

A linha do tempo estruturada contribuiu para o resgate da trajetória da literatura de cordel na FCRB, atuando como subsídio para outros estudos sobre o tema, especialmente, no acervo da FCRB, além da circulação de informações, correspondendo a mais uma fonte de pesquisa para a cultura brasileira nesse contexto.

Tal análise me foi colocada durante a participação na *Mesa 3: A literatura de cordel na FCRB: pesquisa e preservação*, quando minha dissertação foi mencionada dessa forma. Acredito que isso tenha ocorrido pela compilação de informações dispersas pela Casa e por ter adotado outra abordagem diferenciada, recorrendo a autores que fugissem do senso comum da origem ibérica do cordel. Este, portanto, sempre foi meu objetivo principal: oferecer minha pesquisa<sup>3</sup> como fonte de informação para a sociedade (ver Sena, 2018).

Sendo assim, conclui-se que eventos como o *I Congresso Nacional de Literatura de Cordel* são extremamente relevantes para a preservação da memória da literatura de cordel no Brasil. Além disso, o fato de ter sido realizado na FCRB corrobora para a retomada do

---

<sup>3</sup> Disponível em: <http://rubi.casarui Barbosa.gov.br/handle/20.500.11997/7156>. Acesso em: 19 dez. 2023.

reconhecimento da instituição como um lugar de memória, símbolo dos processos sociais realizados especialmente na década de 1980, decorrentes do fomento de Sebastião Nunes Batista e Orígenes Lessa. Essa retomada nos dias atuais volta a oportunizar a locação dessa instituição para a expressão da identidade cultural da literatura de cordel brasileira.

Por fim, é oportuno mostrar o folheto de cordel escrito, em 1974, por Rodolfo Coelho Cavalcante, homenageando Ruy Barbosa (Figura 2):

**Figura 2-** O folheto *A vida de Ruy Barbosa*.



Fonte: Cavalcante, 1974.

## Referências

ABREU, Márcia. *História de cordéis e folhetos*. Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999.

AYALA, Maria Ignez Novais. Abc, folheto, romance ou verso: a literatura impressa que se quer oral. *Graphos*, João Pessoa, v. 12, n. 2, p. 52-73, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/10908>. Acesso em: 02 jan. 2024.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *Origem da literatura de cordel e sua expressão de cultura nas letras de nosso país (para colégios e faculdades)*. Salvador: [s. n.], 1984.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *A vida de Ruy Barbosa*. Salvador: [s. n.], 1974. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CordelFCRB&PagFis=51761&Pesq=a%20vida%20de%20ruy%20barbosa>. Acesso em: 26 abr. 2017.

CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2001. 284 p.

CURRAN, Mark J. *História do Brasil em cordel*. São Paulo: Edusp, 2003. Folhas soltas.

FRANKLIN, Jeová. *A literatura de cordel*. Brasília: [s. n.], 2002. (Coleção cartilha da cultura popular, 2).

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). Patrimônio Mundial Cultural e Natural. c2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/29#:~:text=O%20patrim%C3%B4nio%20cultural%20%C3%A9%20composto,e%20a%20riqueza%20das%20culturas>. Acesso em: 19 dez. 2023.

JOÃO PESSOA, Sá de. *Orígenes Lessa, autor e personagem de cordel*. Disponível em: <http://sadejoapessoa.blogspot.com.br/2016/02/origenes-lessa-autor-e-personagem-de.html>. Acesso em: 19 mar. 2017.

KOBASHI, Nair Yumiko. Prefácio. In: ALBUQUERQUE, Maria Elisabeth Baltar Carneiro de. *Representação temática da informação na literatura de cordel*. p. 13-14. Curitiba: Appris, 2013.

MEMÓRIA DO CORDEL FCRB: Sebastião Nunes Batista – Projeto FAPERJ, 2008. [AP 195]. Processamento técnico (Cordel) Sebastião Nunes Batista e a Poesia Popular – Transcrição de palestra, 2004-2005. [AP 188]. *Dossiê*.

PEIXOTO, Mariana do Carmo de Almeida. *Literatura de cordel: da oralidade à escrita*. 2003. 89 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Biblioteconomia e Documentação) – Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003.

RIBEIRO, Pedro Mendes. *Segredos do repente*. Teresina: MEC/DC/FUNARTE; UFPI, 1977.

JOÃO PESSOA, Sá de. Orígenes Lessa, autor e personagem de Cordel. 2016. Disponível em: <http://sadejoapessoa.blogspot.com.br/2016/02/origenes-lessa-autor-e-personagem-de.html>. Acesso em: 19 mar. 2017.

SENA, Carolina Carvalho. *A literatura de cordel na Fundação Casa de Rui Barbosa: organizando uma memória dispersa*. 2018. 103 f. Dissertação (Mestrado em Memória e Acervos) – Programa de pós-graduação em memória e acervos, Fundação Casa de Rui Barbosa, 2018.